

**Considerações acerca do movimento
do *Portunhol selvagem*: o paradigma da osmose
e a resistência cultural**

Francesca Degli Atti
Università del Salento
Università degli Studi “G. d’Annunzio” Chieti - Pescara

Resumo

O fenômeno do “Portunhol selvagem”, criatura do poeta-editor-blogueiro Douglas Diegues, representa um interessante estímulo à reflexão acerca do nexos entre língua e identidade cultural dentro da multifacetada lusofonia brasileira. Nascido como língua literária, desenvolveu-se rapidamente num movimento cultural e ideológico que desde seu início tem apaixonando um número cada vez maior de escritores, poetas, intelectuais e até mesmo meros simpatizantes. As peculiaridades desta língua se fundamentam na hibridação linguística que se encontra no espaço fronteiro da autobiografia de seu inventor. No entanto, o portunhol de Diegues nasce a partir de um processo criativo original que envolve elementos de várias línguas num consciente projeto estético de “vanguarda primitiva”, que visa à formação de um espaço cultural osmótico que incorpora e recupera a componente índia guarani num idioma “*neo antiquo*”. De fato, a regra do portunhol selvagem é o desregramento, a metamorfose, a contínua mudança de vocábulos, formas e referências linguísticas e culturais. Trata-se, então, de uma língua artificial e viva ao mesmo tempo, reforçada por uma firme intenção ideológica que a torna manifestação autêntica e paradigmática da nossa época, dividida entre a ação de forças centrífugas e a contínua busca de novos centros de aglutinação. Entre cânone e marginalidade, entre autenticidade e artificialidade, a proposta de Diegues torna-se uma orgulhosa voz de oposição e de resistência cultural.

Palavras-chave. poesia brasileira, portunhol selvagem, Douglas Diegues.

Abstract

Il fenomeno del “Portunhol selvagem”, creatura del poeta-editore-blogger Douglas Diegues, si offre come interessante stimolo di riflessione circa il nesso fra lingua e identità culturale nel contesto della variegata lusofonia brasiliana. Nato come lingua letteraria, si è rapidamente sviluppato in un movimento culturale e ideologico che sin dal suo inizio ha continuato ad appassionare un numero sempre maggiore di scrittori, poeti, intellettuali e anche semplici simpatizzanti. Le peculiarità di questa lingua si fondano nell’ibridazione linguistica che si riscontra nello spazio di frontiera dell’autobiografia del suo inventore. Eppure, il portunhol di Diegues nasce da un processo creativo originale, che coinvolge elementi di varie lingue in un cosciente progetto estetico di “avanguardia primitiva” che tende alla formazione di uno spazio culturale osmotico che incorpori e recuperi la componente india guarani in un idioma “*neo antiquo*”. La regola del portunhol selvagem è la mancanza di regole, la metamorfosi, la modifica continua di vocaboli, forme e riferimenti linguistici e culturali. Si tratta, dunque, di una lingua allo stesso tempo artificiale e viva, rafforzata da una ferma intenzione ideologica che la rende una manifestazione autentica e paradigmatica della nostra epoca, divisa fra l’azione di forze centrifughe e la continua ricerca di nuovi centri di aggregazione. Fra canone e marginalità, fra autenticità e artificialità, la proposta di Diegues diviene orgogliosa voce di opposizione di resistenza culturale.

Parole-chiave. poesia brasiliana, portunhol selvagem, Douglas Diegues.

O Caso do Portunhol

O portunhol é uma língua em gestação, que está nascendo.

GILBERTO GIL, 5º Fórum Social Mundial, Porto Alegre, 2005

Em 300 anos, o Brasil estará falando um idioma muito diferente do atual. Devido à enorme influência do espanhol, é bastante provável que surja uma espécie de portunhol (...) Essa mescla entre o português e o espanhol não é necessariamente ruim.

STEVEN FISCHER, revista *Veja*, 5 Abr. 2000

O que é o “portunhol”?

Segundo o *Atlas da língua espanhola no mundo*, a palavra designa a mistura de espanhol e português, produto do “desconhecimento” ou de uma “aprendizagem deficiente” de uma das duas línguas. Neste sentido depreciativo, o portunhol configura-se como língua “inacabada”, gerada pela ignorância do falante. É interessante destacar que muitos estudiosos, mesmo defendendo discursos a favor do portunhol, utilizam na definição do fenômeno o termo “interlíngua”, palavra que identifica o sistema linguístico transitório que antecede a aquisição completa de uma segunda língua, remetendo, portanto, ao mesmo conceito de “imperfeição”.

Como John Lipski (Pennsylvania State University) destaca, opiniões neutras em relação ao portunhol são bastante raras (2006: 3). Ele evidencia que *portunhol* é um termo ambíguo que se costuma aplicar a fenômenos de contato de línguas muito variados. De fato, existem vários fenômenos linguístico que demonstram uma dupla raiz, portuguesa e espanhola, nas áreas de fronteira do Brasil e até penetrando no interior dos estados confinantes¹. Estes fenômenos se originam a partir do contato entre as línguas praticadas no espaço da fronteira, entidade que se demonstrou no curso da história ambígua e sujeita a mudança. Até hoje parece permanecer uma certa indecisão na terminologia a ser adotada

nos discursos sobre a situação linguística das fronteiras brasileiras. Existem, de fato, inúmeros fenômenos de “miscigenação linguística”, que são caracterizados por níveis variáveis de contaminação entre português e espanhol (e eventuais outros idiomas) e que compartilham uma indeterminação gramático-normativa que não impede a comunicação, graças à proximidade da gramática e da sintaxe das duas línguas. Se o termo “*fronterizo*” indica hoje o dialeto que se coloca na fronteira Brasil-Uruguay (Rona, 1965), os outros fenômenos de contato linguísticos fazem parte da ampla e indefinida área do “portunhol”, etiqueta que esconde a pluralidade e a des-homogeneidade das manifestações linguísticas do panorama fronteiriço.

Podem-se distinguir, então, pelo menos duas acepções de “portunhol”: portunhol como interlíngua e portunhol como dialeto-língua não codificada. Este último é que se localiza necessariamente na fronteira, e se caracteriza como

(...) uma língua mestiça, híbrida, nascida espontaneamente do convívio entre falantes do português e do espanhol, que não se deixa domar por regras gramaticais nem se limita a um léxico estruturado. Caracteriza-se pela oscilação entre o português e o espanhol, mantendo-se permanentemente aberta, sem estruturar-se segundo um código previamente estabelecido. Não se pretende uma língua à parte e se reinventa a cada dia. (Vargas, 2011)

O portunhol seria um “recurso de comunicação” para o entendimento recíproco «em situações que não exigem o emprego de estratégias retóricas mais elaboradas nem maiores formalidades» (Vargas, 2011).

A proximidade entre as duas línguas, que torna sua mescla tão simples, demonstra em sua aplicação literária potencialidades de grande expressividade. Néstor Perlongher, escritor e antropólogo argentino que também explorou o uso do portunhol em literatura, escreve:

Há entre as duas línguas um vacilo, uma tensão, uma oscilação permanente: uma é o “erro” da outra, seu devir possível, incerto e improvável ... Não há lei: há uma gramática, mas é uma gramática sem lei; há uma certa ortografia, mas é uma ortografia errática. (Perlongher, 1992: 8-9)

O trecho pertence à introdução do livro *Mar paraguayo* de Wilson Bueno (1992), que é o primeiro texto inteiramente escrito em portunhol e é geralmente indicado como a obra fundadora da literatura nesta língua. Percebem-se nas palavras de Perlongher os traços essenciais da poética à base da escolha do portunhol como meio literário, mesmo que seja em projetos estéticos que apresentam matizes diferentes, e que se podem resumir na consciência das possibilidades da hibridação linguística e no uso do portunhol como metáfora literária da comunicação entre culturas (Lipski, 2006: 5).

É fundamental considerar que o fenômeno do portunhol representa uma peculiaridade da América latina que não encontra correspondente na situação fronteiriça da Península Ibérica². A divisão entre territórios de língua portuguesa e territórios de língua espanhola demonstra-se muito menos nítida na fronteira brasileira do que acontece na delimitação entre Portugal e Espanha. As coordenadas geográficas e históricas revelam espaços que muitas vezes foram objeto de disputa e que se tornam hoje “entre-lugares” com identidades em construção. São confins que não dividem, entidades porosas, com características próprias que vêm configurando uma pluralidade de identidades fronteiriças. E a pluralidade parece mesmo ser o traço distintivo destas identidades, uma pluralidade que soluciona as diversidades numa espécie de *melting-pot* linguístico e cultural.

O Portunhol Selvagem e Douglas Diegues

Me encanta escribir em portunhol selvagem: is diferent.

- Se lhe dissesse que falar e escrever portunhol selvagem é errado, o que você diria?
- Diria que la afirmacione es absolutamente korreta!!!!!!!

DOUGLAS DIEGUES

Dentro do panorama do portunhol, lugar especial é ocupado pelo “portunhol selvagem”. Trata-se da língua criada e utilizada por Douglas Diegues na sua obra literária e em todos os eventos públicos que o envolvem, resultante da mistura de vários idiomas,

(...) las lenguas que habitam en la frontera di Ponta Porã (Brasiu) com Pedro Juan Caballero (Paraguay), a saber, u guarani, u português, el espanhol, u árabe, u chinês, u japonês, u coreano, u aleman, u francês y u inglês dus norteamericanus. (Diegues, 2005a)

mas com a possibilidade de incluir qualquer outra língua do mundo:

El portuñol sauvage es la base, la base antropofágica, neo antigua, que puede incorporar, además del guarani, palabras de otras lenguas, sean estas lenguas selvagens, tipo amerindias; lenguas civilizadas, ouropéias and anglo-americanas; y lenguas asiáticas, como el chino ou el japones, ou palabras del árabe, enquanto registro fonético. Pero la liberdade de linguagem, repito, non tem limites. (Diegues, 2012: 162-163)

¿Me desexplico? Digo que es um habla y es una escritura de las mais hermosas de tutti la gluebolândia, porque en los mil korazónes de pneu de camión del portunhol selvagem cabem todas las lenguas del mundo habidas ou por haber. (Diegues, 2009a)

O portunhol selvagem é uma invenção literária, mesmo que localizada por seu autor na tríplice fronteira (Brasil-Paraguay-Argentina) e baseada na sua experiência autobiográfica. Filho de um brasileiro e de uma paraguaia de ascendência hispano-guarani, Douglas nasceu no Rio de Janeiro mas foi criado e viveu por muito tempo em Ponta Porã, cidade de fronteira seca com a cidade paraguaia de Pedro Juan Caballero, e escolheu posteriormente viver entre as cidades de Assunção (Paraguay) e de Campo Grande (Mato Grosso do Sul, Brasil).

Esta língua que ele chama de portunhol selvagem é de fato uma não-língua, visto que seu criador recusa qualquer normatização:

(...) a gramática e suas leyes son uma espécie de inimiga number one de la liberdade de la linguagem verbo creadora mais conocida como “poesia”. Cada artista de la palabra que se aventure por las selvas de los portunholitos salbahe habrá de inbentar sua gramátika própria, personal, intransferible. Porque el portunhol selvagem romperá sempre los esquemas del pensamiento único y de las buenas intenciones unificadoristas de los kapos gramátikos. (Diegues, 2009b)

Diegues recusa até mesmo a homogeneidade ortográfica e lexical. O mesmo nome oscila entre várias dicções: portunhol selvagem, portunhol selbagem, portuguaraniol salbaje, portunholito salbahe, portuñol sauvage, entre outras. O resultado é, de fato, uma contínua errância entre vários idiomas, um desregramento lexical baseado numa certa regularidade estrutural construída entre o português e o espanhol. Isto faz com que a complexidade do portunhol selvagem esteja ligada sobretudo ao plano semântico e à possibilidade de explorar as potencialidades polissêmicas do utilizo contemporâneo de idiomas diferentes, produzindo efeitos variados, de polifonia, de contraponto, de dissonância, provocando sentidos duplos e múltiplos, ou até *nonsense*, deixando no leitor certa perplexidade em relação ao entendimento do texto. Esta atitude de extrema abertura chega também a caracterizar a estrutura e a “encenação”

da obra, que vive a onipresença do autor numa poética que Myriam Ávila define de *work in progress* (Ávila, 2012: 12).

A única certeza que surge da leitura dos textos de Diegues é que o portunhol selvagem se tornou seu *locus*³, espaço eleito para manifestar sua força criativa e para realizar seu projeto poético-artístico. Esse lócus é uma entidade que se substitui ao espaço geográfico, a “*triplefrontera*”, que permanece sempre fortemente presente mas como que transfigurado, metáfora e paradigma do encontro possível entre todas as línguas, as culturas, as povoações. Acontece aqui a substituição do lugar pela palavra, como o poeta mesmo sugere em entrevista:

Puede que lugares tengan influéncia em palabras. Pero la poesia non se faz com estar ou non em um determinado lugar, non-lugar, entre-lugar, post-lugar... La poesia se faz com palabras. Y com palabras se puede fazer poesia em qualquer parte. (...) Porque hay algo que está antes de las palabras, que es la energia que cada um enfia en sua palabra. (...) Es esa coisa que se pone antes de las palabras, la energia, el esperma, el amor amor, la buesta, non importa el nombre, ere'laèr'ea, lo que faz la diferenza. (Diegues, 2009a)

A importância da palavra na poética de Diegues se reflete na sua declarada filiação ao poeta brasileiro Manoel de Barros. E é justamente no plano da palavra, ou melhor, do papel desenvolvido pela palavra na própria poética, que se dá a sugestiva irmandade artística entre os dois poetas⁴. Esta irmandade já produziu uma série de reflexões acerca do que eles chamam de “vanguarda primitiva”, um projeto estético elaborado com a participação do jornalista Bosco Martins. Interrogado acerca do assunto, o poeta declarou:

Non significa nada. Y pode significar algo. Algo no plural. Algo que non se puede explicar sem reduzir a algo. La energia original de los Orígenes. El poder de la inbención de las palabras sinceramente sinceras. Algo que non pode ser reduzido a um pensamento único. O antigo y el agora a la

vez. El futuro mezclado al pasado em um livro. La inbención em vez de la cópia. La liberdade sem nome. La liberdade ensaboada. La liberdade xamanística celebratória de la tatoo roò de la vida. (Diegues, 2009b)

Podemos individuar uns conceitos-chave que a poética de Diegues compartilha com a poética de Manoel de Barros: a energia das origens, o poder da palavra, a liberdade de invenção junto com a aproximação entre o antigo e o atual, a preocupação com a autenticidade (sinceridade-verdade) e a celebração da carnalidade da vida, ideia constante na poesia de ambos, expressada pela imagem da *tatoo roò*⁵, que se situa entre os motivos mais recorrentes da sua obra. Tudo isso articula-se e adquire sentido profundo ao redor do adjetivo “primitivo”, que remete à intenção às origens da palavra, à sua capacidade de exprimir a autenticidade da vida e do ser íntimo do poeta. A pesquisa poética de Manoel de Barros, que visa à descoberta de uma linguagem adâmica, original, que recupere a coincidência entre palavra e coisa, parece ecoar na estética primitiva e primitivista de Diegues, que em várias ocasiões evidenciou como alvo da sua poética a realização de uma “linguagem poética”, que conseguisse anular a dicotomia entre língua do cotidiano e língua literária. O estímulo e o molde derivam das tribos indígenas, a cuja poética é dedicado um livro de Guillerme Sequera, organizado por Douglas Diegues, *Kosmofonia Mbyá-Guarani*, considerado uma das pesquisas mais sérias sobre o assunto. Como afirma Milton Sgambatti Júnior,

(...) para os Mbya Guarani a palavra é efetivamente o objeto e o sujeito de sua arte, seu conteúdo e sua forma. O definitivo da essência dos Mbya Guarani é a palavra, toda sua vida se estrutura para ser fundamento e suporte de palavras verdadeiras. (Sgambatti Júnior, 2009)

O contato íntimo entre palavra e realidade é descrito pelo próprio Douglas:

Para los guaranis, sean mbyás, pai-tavyterás ou kaiowás, la palabra es tudo y tudo es palabra. La palabra es el próprio ser del ser. Para un guarani, su nombre es sua alma, seu verdadeiro ser. Y esse ser se realiza em su dizer, em sua arte de dizer, na qualidade di chamás e orballo de seu dizer. Quanto mais fuerte y verdadeiro un dizer, mais prestígio tiene el portador desse dizer dentro de sua tribu. (Diegues, 2005b)

A palavra, então, remete diretamente à entidade que simboliza, realizando aquela linguagem poética que representa a finalidade última da poética dieguiana. E é por isso que o poeta se refere às formas poéticas das povoações indígenas como precursoras da sua obra:

Us poetas de vanguardia primitivos, ancestrales de los poetas contemporáneos de vanguardia primitiva, non conociam u language poético, justamente porque ellos solo conocian un lenguaje, el lenguaje poético. Con los habitantes de las fronteras du Brasil com u Paraguay acontece mais ou menos a misma coisa. (Diegues, 2005c)

O “fogo da palavra” aparece em vários sonetos do seu primeiro livro, exprimindo a natureza apaixonada de sua pesquisa, em sua dimensão corporal e de força renovadora

burguesa patusca light ciudade morena
el fuego de la palabra vá a incendiar tua frieza (...)

(...) confia em el fogo de la palabra
escribe com tu berga um bom poema (Diegues, 2002: 8-9)

A insistência na autenticidade⁶ é repetidamente marcada por imagens viscerais e corpóreas: bosta, sangue, gosma, mas sobretudo esperma, sêmen, e contínuas referências ao ato sexual⁷

El portunhol selvagem brota de la nada como flor selvagem de la buesta de las vakas. (Diegues, 2009a)

(...) la língua mestiza com que escribo es visceral como bosta... Algo que nasce desde adentro. Del íntimo de meu ser. De la gosma misma du meu código de barra. (...)

Quero também outras coisas. Enfiar esperma na literatura brasileira. (Diegues, 2005a)

falsa virgem loca ciudade morena

vas a aprendee agora com quanto esperma se faz un bom poema (Diegues, 2002: 8)

A perspectiva da vanguarda primitiva demonstra que a questão da autenticidade está entrelaçada à busca de proximidade entre palavra e coisa, que se desenvolve dentro do portunhol selvagem e elege o espaço mítico-simbólico da *triplefrontera*. Trata-se de uma pesquisa que remonta às origens da humanidade e tenta fornecer um paradigma que possa exprimir, interpretar, dar, de certa maneira, forma nova à *gluebolândia* – o mundo contemporâneo na sua totalidade – e à experiência caótica que dela faz o homem de hoje.

O portunhol selvagem torna-se, então, língua artificial e viva ao mesmo tempo; artificial, porque criação artística, manifestação individual e inimitável da liberdade de invenção de seu autor; viva, porque baseada na prática linguística da fronteira, mas também, e talvez sobretudo, porque língua autêntica, verdadeira, ligada à poesia que é a vida, que é o homem e seu estar no mundo. E o homem, o poeta, é o protagonista deste portunhol, seu ator, seu falante único, seu fundador e ocupante primitivo, numa relação indissolúvel na qual cada elemento não poderia realizar sua existência sem o outro. A constante presença do poeta na sua obra, ao lado da sua batalha para a divulgação da “*neo lingua*”, faz com que seu estilo se caracterize como declamatório, teatralizante, inconfundível, por causa da unidade entre autor e obra que parece emergir a cada passo e

testemunha, ainda uma vez, sua proximidade à poética indígena, na qual a coisa, a palavra e o sujeito falante coincidem.

A língua torna-se sujeito, entidade autônoma, independente, que emerge de maneira espontânea e se afirma com prepotência na alma do poeta:

U portunhol fronteiro tem una graça encantatória que me fascina. Acho o portunhol feio, de mau gosto, bizarro, rupestre, mas com uma graça que me seduz, me fascina, me impacta antes y depois dos meus gostos, dos gostos de mio cérebro aculturado. (Diegues, 2005a)

E o encanto do portunhol selvagem contagiou outros autores, brasileiros, argentinos, paraguaios, uruguaios⁸, fascinados pela potência expressiva desta língua «cômica, desabusada, monstruosa» (Medeiros, 2009: 141). Desfrutando os recursos mediáticos da Internet e cultivando contatos diretos de amizade, Diegues conseguiu criar uma comunidade latino-americana que elegeu como seu meio de divulgação preferencial os *blogs* e a rede alternativa das *editoras cartoneras*.

Sobre capital literário e literariedade

Na sua atividade de fundador e promotor do portunhol selvagem, Diegues preocupou-se também em construir ou, pelo menos, sugerir a colocação literária do fenômeno e sua ascendência.

Entre os precursores, lugar especial é reservado aos poetas “primitivos”, a Manoel de Barros – dos quais já falámos, e a Oswald de Andrade. Este último é considerado por Diegues um dos primeiros que reconheceram a importância das línguas indígenas na definição da identidade brasileira (Diegues, 2009b).

É clara a influência de Oswald de Andrade, sobretudo na atitude declaradamente antropofágica da poética dieguiana, na sua tendência a englobar e reelaborar em formas novas elementos de outras línguas, outras literaturas, outras culturas. Os textos de Diegues parecem repercutir

também a força irónica das paródias de Oswald de Andrade, que, por sinal, foi um dos primeiros a experimentar o portunhol em literatura. Outro traço compartilhado pelos dois é aquela que poderíamos definir de “poética do erro” que, apesar das premissas e intenções diferentes, se fundamenta na ideia de que é preciso sublinhar o carácter de deviação da norma linguística como qualidade positiva porque indispensável à afirmação da diferença, da diversidade, da identidade autónoma.

Na lista dos precursores do portunhol selvagem aparece também o nome daquele que muitos consideram o fundador da literatura em portunhol, Wilson Bueno⁹, além de outros grandes nomes da literatura brasileira, como Haroldo de Campos e Sousândrade, e, de maneira inesperada, até mesmo a lírica galego-portuguesa¹⁰:

Puedo agregar que penso nel portunhol selvagem de Wilson Bueno, y nel mix de lengua de Haroldo de Campos, y nel portugues selvagem de Souzandrade del Inferno de Walt Street y nel portunhol primitivo de los trovadores galaiko portugueses como algunos de los precursores del movimiento del non-movimiento del portunhol selvagem que puede ser considerado también el primer non movimiento post literario del mundo...(Diegues, 2012: 162)

A referência aos trovadores galego-portugueses oferece estímulo para refletir acerca das raízes que o poeta escolhe para seu movimento “não-movimento”, raízes ligadas ao nascimento da poesia e da língua portuguesa, e, igualmente, às primitivas manifestações da poética indígena e nas afirmações de independência cultural e da identidade brasileira. A lírica galego-portuguesa, ainda mais, pode ser eleita a antecedente exemplar, por se contextualizar num momento de indefinição das fronteiras culturais e linguísticas, possibilitando o nascimento de um novo idioma, que encontra sua máxima expressão no contexto literário.

Diegues traça uma linha de herança que torna o portunhol selvagem o produto plural dum processo de desenvolvimento com várias fontes, fornecendo desta maneira uma justificativa cultural e histórica

para o seu nascimento como entidade literária, como não-movimento que agrupa vários membros, autores e simpatizantes. Assiste-se, de fato, ao delinear-se dum verdadeiro cânone da literatura em portunhol selvagem, cânone que tem em consideração a poética das origens e a atitude antropofágica, a experimentação linguística e a prática da nova não-língua. Tudo isso contribui à afirmação da legitimidade do lugar ocupado pelo portunhol selvagem dentro das literaturas latino-americanas, ou melhor, dentro das literaturas da *gluebolândia*.

Para reforçar a percepção do portunhol como capital literário, Diegues adota o recurso à tradução de textos de outras literaturas para o portunhol selvagem. De fato, o que acontece não é simples tradução, mas um processo bem mais complexo, de natureza antropofágica:

Uso vários nombres para realizar esa operación de traducción inbentada, digamos: transdeliramientos, transinbenciones, transdiversiones, teletransportunholizaciones... Me gusta la idea de teletransportunholizar, que implica en teletransportar textos de autores de todas las direcciones y épocas al portunhol selvagem del siglo XXI. Procuo traducir el espíritu del texto, el quíem de la poesía, el teko ete (o modo de ser de la energía del texto) em vez de traicionarlo fielmente ou simplemente traicionarlo ou traducir literalmente apenas el significado. (Diegues, 2012: 164)

Os textos *teletransportunholizados* chegam *ipso facto* a integrar o capital literário do portunhol selvagem, constituindo um repertório de obras escolhida por seu fundador-promotor-amante Douglas Diegues. O portunhol selvagem adquire desta maneira um novo *status* de literariedade, enriquecido, nos últimos trabalhos de Diegues, com uma versão selvagem e garantizada do alemão, uma das línguas europeias de maior capital literário.

O diálogo com outras literaturas é realizado também a nível de estrutura formal das obras e das inter-referências literárias, como na utilização do soneto shakespeariano nos primeiros livros de Diegues e a referência ao poema “Autopsicografia” de Fernando Pessoa num dos seus

sonetos. Podemos individuar inter-referências relacionadas ao poeta português também nas modalidades de encenação do eu e sua teatralização, inclusive através da utilização de heterónimos¹¹.

Portunhol Selvagem e subversão

Estas considerações apresentam outros polos de tensão dentro da poética de Douglas Diegues. Sua colocação geográfica, suas escolhas linguísticas, suas estratégias de “não-mercado” (declaradas em entrevistas e testemunhadas pela adesão à rede de *editoras cartoneras*) identificam uma condição de marginalidade, de periferia. Sua atividade de divulgação mediática, de definição de um cânone, de um capital literário, de um *status* de literariedade para o portunhol selvagem demonstram a busca de construção de um novo centro, um centro que atrai irresistivelmente as culturas que se encontram a gravitar ao seu redor, e que afirma sua autonomia de maneira prepotente. O espaço periférico da fronteira passa a exercer uma força de atração gravitacional, e os elementos derivantes de várias línguas, territórios, culturas são absorvidos de maneira osmótica, fluida, misturando-se com o que encontram aquém da membrana porosa que delimita os contornos postos por Diegues. O portunhol selvagem atualiza uma maneira alternativa de ser e de interpretar o mundo, na qual um número cada vez maior de indivíduos se identifica. Entre as características mais marcantes desta maneira de se colocar frente ao mundo já destacamos as raízes primitivas, a centralidade da palavra, a liberdade de invenção, a pluralidade enriquecedora, a errância linguística, a carnalidade e a sexualização de sua obra e a estética do feio.

Cabe agora enfrentar seu aspecto revolucionário e subversivo, que produz uma atitude poética de resistência. Tal resistência se dá em vários níveis – linguístico, cultural, social, econômico, político – e, curiosamente, é uma atitude que o autor recusa, preferindo sublinhar a intenção inclusiva:

Non somos contra nada. Non criticamos velada ou desveladamente a nadie nem a ninguma institución. Si hay luta, es em favor de la inclusión cultural y económica de los hodidos y malpagos. (Diegues, 2009b)

No entanto, Diegues é autor de inúmeros ataques, diretos e indiretos, aos centros do poder consagrado. O olhar crítico do poeta surge em cada obra, em cada entrevista, em cada atividade para-literária, na sua perene postura de paródia.

O tom de denúncia social surge na utilização de imagens que remetem à violência da vida cotidiana, a qual, em seus poemas publicados em 2009 na revista *Sibila*, é retratada por meio da técnica da colagem aparentemente caótica de títulos e pedaços de jornais¹². Elemento social e elemento político entrelaçam-se em vários figuras recorrentes de sua obra, entre as quais a figura-tema do Papa-Vaticano desenvolve o papel talvez mais ilustrativo, como símbolo do poder centralizado, de sua hipocrisia e seu paternalismo artificial. A atenção em relação aos acontecimentos políticos e econômicos encontra seu meio de difusão preferido, claramente, na Internet. Instigante é a iniciativa da “Karta-Manifesto-del-Amor-Amor-en-Portunhol-Selvagem” (Diegues, 2008), direcionada aos presidentes Lula e Lugo, pedindo a queima do contrato da Itaipú Binacional com «fuego guaranítko, fuego incorruptible, fuego del amor amor, fuego divino, fuego humano, fuego inumano», para “inventar” um novo contrato que «seja justo y beneficie de fato a ambos países em la mesma medida y si possível escrito em portunhol selvagem», e o ato seria um «gesto de alta voltagem poética humana». A Carta-Manifesto é assinada por 36 intelectuais.

A inclusão social está também na base da escolha do mercado alternativo das editoras *cartoneras*, e do fato de o poeta ter fundado uma delas, a Yiyi Jambo (sede em Assunção), dedicada à divulgação de obras em portunhol selvagem. As *cartoneras* são editoras que produzem livros de maneira artesanal, utilizando como capas papelão comprado de *cartoneros*, pessoas que conseguem viver apenas graças à venda deste material. As editoras compram o papelão a um custo maior do que o preço

do mercado, fornecendo uma ajuda concreta aos *cartoneros* que vendem na rua. As capas são cortadas e pintadas a mão, de maneira que cada livro se torna uma peça artesanal única. As *editoras cartoneras*, surgidas primeiramente na Argentina como resposta alternativa à profunda crise financeira, são também veículos de inovação literária, desde que sua falta de interesse lucrativo oferece espaço a autores que se colocam à margem do sistema do mercado editorial. Dentro da perspectivada poética de Diegues, a escolha deste vector cultural independente constitui mais uma volta às origens, posto que a produção manual de livros representa uma negação da mecanicidade irracional da tecnologia e a distribuição direta recupera a dimensão convivial da relação entre escritor e leitor.

A crítica em relação à cultura e ao sistema do mercado literário é repetidamente afirmada por Diegues, que considera a literatura «um Circo Literário financiado por máfias» (Diegues, 2009b) e que afirma que «el mundillo literário oficialzko es algo protokolar, falso, burocratizado, solenezko, vanidosamente aburrido...» (Diegues, 2009a). A própria produção literária “oficial” é considerada algo estéril e sem força criativa, «poesia sin leche próprio, sin água íntima, que non fede nim cheira nim nada» (*ibid.*). À oligarquia cultural ele opõe a Internet, a rede global democrática, que vaporiza os confins materiais para realizar uma comunidade supranacional porque independente de qualquer território-estado¹³. É, ainda uma vez, o signo da pluralidade, agora como convivência harmônica e possível, localizada no espaço mítico, imaginário e real ao mesmo tempo, do portunhol selvagem *triplefronterizo*, entidade que é contemporaneamente central e marginal, local e global.

O furor contra qualquer hegemonia desenvolve um papel visceral dentro do processo de nascimento do portunhol selvagem, língua que aceita e absorve qualquer idioma, compondo um mosaico linguístico no qual cada língua é democraticamente colocada no mesmo nível das outras. O português oficial aparece em várias declarações do poeta, como emblema da falta de autenticidade em contraposição à liberdade espontânea do portunhol selvagem. O ideário do poeta em relação ao

português oficial e à sua relação com o portunhol selvagem é resumido neste trecho extraído do *blog* do poeta:

Pero por qué insisto em escrever em portunhol selvagem? Porque aos meus olhos y ouvidos mio português ofiziale continua me parecendo uma língua falsa, impostada, parnasiana, normal, fingida, esclerosada. Sobretudo esclerosada. (...) El português oficial é uma língua bancada pelo Estado. Y escrever passivamente nessa língua oficial sempre me pareceu um ato de Subserviência à língua como Estado, à escrita como instrumento de Poder e Dominação. (...) el portunhol es free. Cada um lo puede inbentar como se le cante la bolilla. Non es uma língua-fórmula. É uma língua-risco. Uma língua subersiva. Uma rebeldia errante. (...) Cada frase me salva de la morte por clichê. Cada frase es uma recusa a escrever como um aluno bem comportado que aprendeu corretamente a língua que le ensinaram na Escola. Y também para mim es como voar em vez de caminar. Y es também como se eu tivesse fugido du Presídio da Língua Oficial para viver um caso de amor verdadeiro. (Diegues, 2007)

O portunhol selvagem é apresentado como língua de libertação, instrumento para se livrar do jogo do português oficial e de suas normas restritivas e unívocas, que não conseguem exprimir a complexidade múltipla da contemporaneidade. Até o portunhol “convencional” é recusado por não ser matéria suficientemente plural:

El portunhol comum es bissexual. El portunhol selvagem es polissexual. El portunhol conbencional es medio papai-mamãe. El portunhol selvagem es mais kama-sutra. (Diegues, 2009a)

Em contraste com a convencionalidade e a esclerose linguística, o portunhol selvagem, língua culta e popular, revela-se democrática e indomável por qualquer tentativa de subjugação:

Diria que el portunhol selvagem es como água. Se ubika siempre en lugares bajos. (...) Politicamente, es um negócio incorrecto. (...) Es local, es internacional, es transnacional, es literario, es post literario. (Diegues, 2012: 161)

Paradoxalmente, é a própria negação dum veículo linguístico único e de uma colocação geográfica que sugere uma visão supranacional e uma supraidentidade, que ultrapassa e transfigura as localizações espaço-temporais numa dimensão extra-territorial que, justamente pela sua capacidade de anular os esquemas, torna possíveis infinitas reconfigurações.

Como acontece ao herói de seu *El astronauta paraguayo* (2007), Diegues flutua sobre as divisões geográficas e imaginárias da fronteira, que se anula, incluída no espaço da invenção poética e eleita como símbolo-metáfora de uma maneira de ser e estar no mundo. O voo é o ato criativo opondo à artificialidade do “poder” a autenticidade do “amor amor”, que é palavra, liberdade, paixão, sexo, pluralidade, em resposta à violência e ao banal cotidiano. Antropofagia projetada no espaço sideral, a poética de Diegues oferece-nos a imagem de um “burako negro”, duma força de atração irresistível gerada por um núcleo primitivo que “ninguém entiende” (Ávila, 2012: 84), mas que surge cristalino em sua natureza. Na obra de Diegues, cada palavra é um ato de resistência contra a hegemonia cultural, contra o poder oligárquico, contra a dominação tirânica, em prol da convivência democrática, plural, osmótica que molda uma nova maneira de ser, uma perspectiva alternativa sobre a vida contemporânea, uma colocação da identidade em um novo “lugar, não-lugar, entre-lugar, post-lugar”. Dentro do panorama das letras brasileiras (e “suprabrasileiras”), o portunhol selvagem de Douglas Diegues destaca-se como experiência desconcertante e desestabilizadora, cuja unicidade subversiva e irreverente o poeta afirma orgulhosamente:

Quanto ao mais, seguiremos kontrabandeando al Vaticano y al resto de la Gluebolândia los bessos kalientes que nim los lovers boys mais karos de la selva rio-sampaulandensis vendem...(Diegues, 2009a)

Notas

¹ Caso extremamente interessante é o Uruguay, que possui um leque de dialetos de clara raiz portuguesa, os chamados “dialetos portugueses do Uruguay” - DPU (ver Elizaincin, Behares & Barrios, 1987).

² Lipski documenta a existência de dialetos de matriz híbrida, entre os quais destaca o Barranqueño, falado na cidade de Barrancos (Baixo Alentejo). No entanto, trata-se de idiomas estruturados e fortemente ligados a uma condição de identidade definida, que faz com que os falantes se identifiquem como entidades distintas seja dos portugueses, seja dos espanhóis. Estes dialetos, então, não demonstram o mesmo caráter errático do portunhol.

³ Waldyr Imbroisi Rocha sugere a teoria da desterritorialização da obra de Diegues e sua reterritorialização no *portunhol selvagem* (2011: 8-9).

⁴ Acerca da relação entre Douglas e Manoel, a opinião que emerge nos textos da crítica é de perplexidade ou até de recusa de nexos entre as obras dos dois. A própria Myriam Ávila, autora de finíssimos estudos sobre a obra de Diegues, escreve: «Nada de sua admiração pela simplicidade e pela redescoberta das coisas em Manoel de Barros transparece em sua poesia» (Ávila, 2012: 16-17). De fato, o problema reside na imagem estereotipada da produção de Barros que parece circular no Brasil, produção que se revela bem mais complexa do que transparece em muitos dos juízos da crítica literária brasileira atual.

⁵ “Vulva Carnuda” no Glossário Selvático (Ávila, 2012: 99).

⁶ Sobre a «retórica da autenticidade» ver Cartapatti Kaimoti (350-355).

⁷ Esta corporeidade testemunha uma outra área de confluência entre as poéticas de Manoel de Barros e Douglas Diegues, que desenvolvem uma estética do baixo que eleva a símbolos poéticos as secreções humanas. E ainda mais: podem-se encontrar nos textos de Diegues imagens de decadência orgânica e apodrecimento, tão apreciadas por Barros enquanto metáfora do poder de metamorfose e renovação da natureza. Tais imagens são utilizadas por Diegues com uma carga poética positiva, apesar dos matizes e dos contextos próprios de sua poética.

⁸ Lembramos Joca Terrón, Xico Sá, Ronaldo Bressane, Jorge Kanese, Miguelangel Meza, Edgar Pou entre outros.

⁹ «Considero Wilson Bueno uno de los proto inventores de lo que llamo portunhol selvagem (...) el portunhol de Wilson Bueno me parece algo muy dele, muy selbajen, muy wilsonbueniensis». (Diegues, 2012: 162).

¹⁰ Em outras entrevistas, o poeta nomeou também outros escritores, entre os quais é preciso destacar o nome do Guimarães Rosa. Achamos também referências a James Joyce e a Augusto Roa Bastos (várias vezes). Todavia, os nomes mais recorrentes, dentro das entrevistas e de sua obra, parecem ser os de Manoel de Barros e Oswald de Andrade.

¹¹ Os sonetos de *Dá gusto andar desnudo por estas selvas* são atribuídos a Ángel Larrea e Felisberto Leites. De suposta autoria do primeiro seriam também as notas explicativas aos sonetos e o glossário, colocados no final da obra.

¹² «Malandretti mata 9 bebês/ y después se va a kasar./ Proibido morir./ Reforzam defensas./ Nim moscas/ vuelan en Tribunales./ “Si fuera autoridadi,/ le quemaba vivo”./ Cazan/ violêitor di menores./ Assassinam/ mais um Kachíke.» FICCION DE KARNE KRUDA & REALIDADE QUE DELIRA; «Pedazo de oreja/ es uma de las evidências/ Degenerado se masturba/ frente a 200 alumnos/ El Amor Amor parece ser mais fuerte/ Robam memórias para kozinar histórias/ La realidad parece as vezes ficción a la milanese/ acompañado de salsa golf ketchup salsa picante y mayonesa» ¿HOY OU MANHANA? (Diegues, 2009c).

¹³ «Non queremos representar a ningun país, ningun estado, ningun esquema burokrátiko oficialzko... A partir de agora moramos en la estrada, bamos y venimos driblando las alfândegas del pelotudismo...» (Diegues, 2009a).

Obras citadas

Ávila, Myriam, *Douglas Diegues por Myriam Ávila*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

Cartapatti Kaimoti, A. P. M. “As formas do centro e da periferia na poesia de Douglas Diegues”, *Actas de Jalla Brasil 2010 – IX Jornadas Andinas de Literatura Latino Americana – América Latina, integração e interlocução*. Tomo II, 350-355. Disponível em <<http://www.ufgd.edu.br/>>. Acesso em 22 Maio 2013.

Diegues, D. “Corregirlo sería matarlo”. Entrevista concedida a Pablo Gasparini, Ana Cecilia Olmos, Maite Celada. *Abehache*, ano 2, nº 2 , 1º sem. 2012. 159-166.

Diegues, D. “De olho neles”. Entrevista concedida a Marcelino Freyre. *Revista Portal Literal*. Rio de Janeiro, 2005a. Disponível em <<http://portalliteral.terra.com.br/artigos/de-olho-neles-douglas-diegues>>. Acesso em: 20 Abr. 2013.

Diegues, D. “Douglas Diegues”. Entrevista concedida a Julio Daio Borges (01/01/2009a). Disponível em <<http://www.digestivocultural.com/entrevistas/imprimir.asp?codigo=28>>. Acesso em 15 Mar. 2013.

----- . “El portunhol y el portunhol selvagem”. 17 Jan. 2007. Disponível em <<http://portunholseelvagem.blogspot.com>>. Acesso em 07 Mar. 2013.

----- . “Karta-Manifesto-del-Amor-Amor-en-Portunhol-Selvagem” (17/08/2008). Portal *O Globo Cultura*. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/cultura/confira-manifesto-em-defesa-do-portunhol-selvagem-3607777>>. Acesso em 30 Abr. 2013.

-----, “Portunhol selvagem”. Entrevista concedida a Evandro Rodrigues (06/01/2009b). Disponível em <<http://www.ipol.org.br/ler.php?cod=534>>. Acesso em 30 Mar. 2013

-----, “Vanguardias Paraguaias: La Diversidade De La Diversidade Poética En El Ombligo Du Continente Xul-Americano”. *Portal Cronópios*. 23/10/2005b. Disponível em <<http://www.cronopios.com.br/site/ensaios.asp?id=682>>. Acesso em 25 Mar. 2013.

-----, *Dá gusto andar desnudo por estas selvas*. Curitiba: Travessa dos editores, 2002.

-----, *El astronauta Paraguayo*. Asunción: Yiyi Yambo, 2007.

-----, *Inéditos*. Portal Sibila (2009c). Disponível em <<http://www.sibila.com.br>>. Acesso em 03 Jun. 2013.

Diegues, D. em *Uma flor na solapa da miséria*, Buenos Aires: Eloísa Cartonera, 2005c.

Elizaincin, A., Behares L. & Barrios G. *Nós falemo brasileiro. Dialectos portugueses en Uruguay*. Montevideu: Amesur, 1987.

Imbroisi Rocha, W., “O portunhol e captação de herança nos *Sonetos Salvajes*, de Douglas Diegues”. *Estação Literária*. Londrina, V. 7 (set. 2011): 6-14.

Lipski, J. “Too Close for Comfort? The Genesis of ‘Portuñol/Portunhol’”. *Selected Proceedings of the 8th*

Hispanish Linguistic Symposium. Somerville: Face and Klee, 2006.

Medeiros, S. “Os astronautas de Kabakov e Diegues”. *Itinerários*. Araraquara. n.28 (Jan./Jun 2009):137-143.

Perlongher, N. “Sopa paraguaya”. Introdução a BUENO, Wilson. *Mar Paraguayo*. São Paulo/Curitiba: Iluminuras/Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, 1992. 7-11.

Rona, J.P. *El dialecto “fronterizo” del norte del Uruguay*. Montevideu: Librería Adolfo Lunardi, 1965.

Sequera, G. *Kosmofonia Mbyá-Guarani*. Org. Douglas Diegues. São Paulo: Mendonça & Provazi, 2006.

Sgambatti Júnior, M. “Poética Indígena: um ensaio sobre as origens da poesia”. *Revista Fronteiraz*. v. 3 (2009) Disponível em <http://www4.puc-sp.br/revistafronteiraz/numeros_anteriores/n3/download/pdf/poetica_indigena.pdf>. Acesso em 15 Jun. 2013

Vargas, F.A. “Fronteiras literárias: as línguas ibéricas e oportunhol”, Anais do VI Congresso Internacional Roa Bastos, Foz do Iguaçu, 28-30 Set. 2011. Disponível em <http://www.nelool.ufsc.br/simposio2011/fronteiras_literarias.pdf>. Acesso em 05 Abr. 2013.